



VISÃO EMPRESARIAL

Pedro Ricco Deos

Diretor de Relações Institucionais e Fórum da Liberdade do IEE

Diferentes tons do vento azul

A política é cíclica. Assim como os ventos eleitorais de outrora fizeram da América Latina reduto socialista, o miniano que sopra derrota os incumbentes e transforma a região em território azul.

Nas últimas semanas, Keiko Fujimori, no Peru, e Abelardo de la Espriella, na Colômbia, confirmaram a derrota dos adversários à esquerda e se juntaram aos demais chefes de Estado que formam o amálgama político associado à direita: Javier Milei, na Argentina; Santiago Peña, no Paraguai; José Antonio Kast, no Chile; Rodrigo Paz, na Bolívia; Daniel Noboa, reeleito no Equador; José Raúl Mulino, no Panamá; Laura Fernández, na Costa Rica; Nasry Asfura, em Honduras; e Nayib Bukele, em El Salvador.

Seria equivocado, contudo, ver nesse grupo um bloco monólito. O que de mais comum existe entre tais políticos é o fato de, na maioria dos casos, terem vencido partidos com viés socialista em pleitos eleitorais. As bandeiras que defendem são tão diferentes quanto os múltiplos tons de azul existentes no espectro.

Milei transformou a Argentina com um choque de liberalismo. Mesmo com a resistência de grupos historicamente vinculados ao peronismo, seu governo promove um robusto ajuste fiscal, reduz ministérios, elimina regulações ineficientes e devolve à sociedade espaços tomados pelo Estado. Peña, no Paraguai, aposta na estabilidade macroeconômica, na responsabilidade fiscal e na atração de investimentos como motor do desenvolvimento. Não à toa, seu país tornou-se alternativa ao bilionário investimento em celulose projetado pela CMPC, que as instituições brasileiras insistem em dificultar.

Nem todos os ventos vin-

douros da direita, contudo, carregam consigo os ares do liberalismo. Em outros países, mesmo em governos com credenciais reformistas, a ascensão da oposição não significou necessariamente a retração do Estado. Ao contrário, parte dessas lideranças recorre com naturalidade à máquina pública para direcionar setores estratégicos e conceder benefícios a grupos específicos.

No Panamá, Mulino faz do Estado o grande empreendedor nacional. Promete empregos por decreto e elege a obra nababesca do trem Panamá-David como legado pessoal. Diverge da esquerda quanto aos fins que persegue, mas não quanto ao instrumento utilizado: a crença de que cabe ao Estado conduzir e tutelar a sociedade.

Há dúvidas se o vento índigo é capaz de cruzar a Amazônia e chegar ao Brasil. O impulso, que antes era vigoroso, parece perder forças e ameaça encerrar sua trajetória na Cordilheira dos Andes. Mas, caso venha, que não seja nuvem passageira. O Brasil prescinde de rajadas eleitorais que mudam a direção que acena a ban-

deira mas que, com o tempo, perdem consistência e demonstram não ser mais que um sopro de esperança.

Como vento que flui a cada quatro anos, temos a oportunidade de abrir nossas janelas para forças políticas alicerçadas por ideais, em vez de grupos de poder que apenas substituem os beneficiários do Estado. A oportunidade de não apenas soprar a terra vermelha que hoje cobre as raízes do Brasil, mas também arrancar a estrutura patrimonialista que nos é própria e de devolver o protagonismo que um dia foi confiscado do indivíduo, seu legítimo portador.

OPINIÃO

Ansiedade e metas: por que nos cobramos tanto?

Michele Silveira

Psicóloga, Autora e especialista TAG

O início do segundo semestre costuma despertar uma sensação de urgência. Para muitas pessoas, é como se julho representasse um marco definitivo: tudo o que ainda não foi conquistado passa a parecer um atraso. Metas são revisitadas, comparações aumentam e a cobrança interna se intensifica. Em um mundo obcecado por planejamento, produtividade e resultados, é fácil acreditar que estar sempre ocupado significa estar no caminho certo. Mas essa lógica pode alimentar a ansiedade em vez de promover crescimento.

Planejar é saudável. O problema começa quando confundimos planejamento com controle absoluto. A vida é dinâmica, imprevisível e repleta de variáveis que não dependem apenas do nosso esforço. Quando acreditamos que tudo precisa acontecer exatamente como imaginamos, qualquer mudança de rota passa a ser vivida como fracasso.

Também fomos ensinados a enxergar o erro como prova de incompetência. No entanto, quem aprende, erra; quem cresce, re-

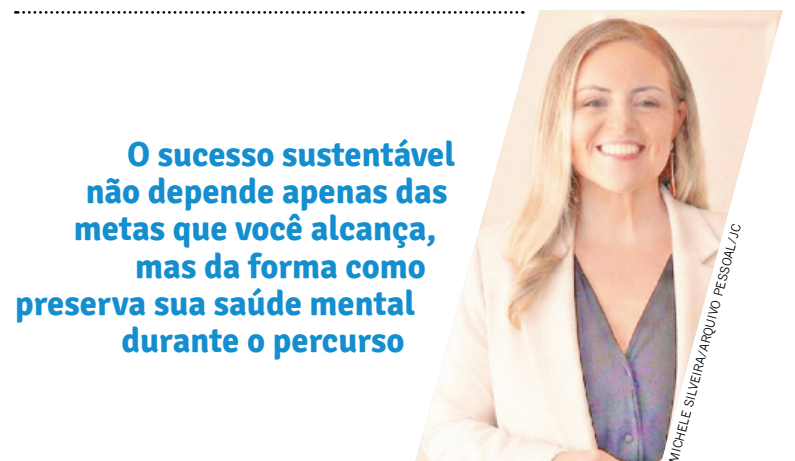
visa estratégias; quem tenta, inevitavelmente enfrenta frustrações. O fracasso não define uma pessoa. Muitas vezes, ele apenas mostra que um caminho precisa ser ajustado.

Talvez a meta mais importante para este semestre não seja cumprir uma lista impecável de objetivos, mas desenvolver uma relação mais saudável consigo mesmo. Isso inclui estabelecer metas flexíveis, reconhecer limites, respeitar o próprio ritmo e celebrar pequenas conquistas, sem fazer da produtividade a única medida de valor.

A ansiedade nos convida a viver em um futuro que ainda não

existe. Ela faz com que tentemos prever todos os cenários e buscar garantias impossíveis. A vida não exige certezas e sim, capacidade de adaptação. Crescimento não acontece porque controlamos tudo, mas se dá porque seguimos em frente mesmo quando não temos todas as respostas.

Que o segundo semestre seja uma oportunidade para trocar a obsessão por resultados pela construção de uma trajetória coerente com seus valores. O sucesso sustentável não depende apenas das metas que você alcança, mas da forma como preserva sua saúde mental durante o percurso.



Profissionalização marca o futuro dos condomínios

Douglas Gonçalves

Diretor-executivo do Grupo Guarida

Os condomínios brasileiros passam por uma transformação quase que silenciosa. Já não são apenas espaços para moradia, evoluíram para pequenas comunidades, que obedecem às leis, que exigem gestão qualificada, planejamento estratégico e capacidade de adaptação às mudanças sociais, tecnológicas e demográficas.

Nesse cenário, algumas tendências já aparecem de forma a indicar como está sendo construído o futuro. A atividade de síndico está se profissionalizando, uma vez que a gestão condominial se tornou mais complexa. Esse movimento tem impulsionado o crescimento dos síndicos profissionais, uma tendência que vem ganhando espaço, visto que contribui para uma gestão mais eficiente.

Ao mesmo tempo, ganha relevância a saúde mental e a qualidade de vida. Uma gestão humanizada deixou de ser um diferencial para se tornar uma necessidade. Segue-se aí uma pauta obrigatória: a sustentabilidade. A busca por eficiência energética, redução do consumo de água, gestão adequada de resíduos e conscientização ambiental, são iniciativas que contribuem diretamente para a redução de custos operacionais e para a valorização dos imóveis.

Em se tratando de tecnologia, a inteligência artificial começou a abrir novas possibilidades para a administração condominial. O objetivo não é substituir a atuação humana, mas ampliar a eficiência da gestão e melhorar a experiência dos condôminos. Do mesmo modo, as pessoas preocupam-se com a segurança digital e a proteção de dados. Estar em conformidade com a legislação e proteger esses dados tor-

naram-se questão fundamental para administradoras e síndicos.

Outros assuntos estão ganhando destaque no planejamento condominial: inclusão e acessibilidade. Promover ambientes mais inclusivos e atender às diferentes necessidades dos moradores é um compromisso cada vez mais valorizado. Isso se conecta à tendência de envelhecimento da população. O nosso País segue um caminho onde haverá mais idosos vivendo em condomínios. Isso exigirá adaptações estruturais nos condomínios.

Nesse cenário, condomínio do futuro tende a ser muito mais do que um conjunto de regras e rotinas administrativas. Será um ambiente que combina tecnologia, sustentabilidade, inclusão e gestão profissional. As administradoras e síndicos que estiverem atentas a essas transformações estarão à frente das expectativas da sociedade.